

## Capítulo 1

### As noites de Dublin

Numa noite de Setembro, na escuridão do Abbey Theatre em Dublin, Kate encontrou a sua personagem. Com os olhos fixos no palco, no corpo magro do actor, sentiu que o livro começava a tomar forma, as palavras e as imagens, a ternura e o terrível.

Kate conhecia a peça; já a vira representada antes. A sala no velho castelo da Escócia, o ícone de madeira na parede, a janela. A mesa e as três cadeiras. A jarra de lilases em cima da mesa. Onde é que arranjavam lilases naquela altura do ano? A neve caía, ininterruptamente. Lilases e neve eram palavras que a faziam pensar no pai.

A peça tinha três personagens, dois homens e uma mulher. Há muito tempo que não estavam juntos. E alguma coisa ia acontecer.

Era a última noite. A ideia assustava-a. Se não tivesse visto o jornal... Uma única semana em Dublin, e depois Londres.

Kate trabalhara na noite anterior. O bar fechava depois das duas da manhã. Acordara cedo como de costume, e saíra para tomar café e andar um pouco. Sempre gostara daquela hora, quase de madrugada, quando a transparência do ar fazia esquecer os

terrores da noite. Comprara um jornal e sentara-se num banco de St Stephen's Green, a olhar para o lago. Depois regressara ao seu apartamento, e passara o resto do dia deitada na cama, com uma velha T-shirt, a ver, um atrás do outro, episódios de *Waking the Dead*. Não se lembrava de fazer outra coisa nos últimos tempos. Ver os dvds de *Waking the Dead* e ler livros de Enid Blyton.

Fizera anos alguns dias antes, e pensara vagamente em ir ao pub onde se reuniam os amigos. Mas limitara-se a oferecer a si mesma lençóis lavados e um muffin de amora com o café da manhã.

Trinta e quatro anos. E há quatro que não escrevia nada. Começara duas novelas, esboçara alguns contos, mas nunca se sentira arder. E chegara a um ponto em que já não tinha muita importância, o trabalho no bar impedia-a de se desligar por completo do mundo exterior, e ganhava o suficiente para pagar a renda, alugar dvds e comprar livros policiais e infantis nos alfarabistas. Estava numa das suas fases ascéticas, e comia pouco, dormia pouco, e não sentia a falta de sair com amigos ou fazer amor com alguém.

Ao fim da tarde, enquanto esperava que a água fervesse para fazer um café, pegara no jornal que estava em cima da mesa, e vira o anúncio da peça, uma foto dele. Lera rapidamente a entrevista: ele gostava de descobrir o cheiro da personagem que estava a interpretar, ensaiava todos os dias com roupa de cores diferentes; não pensava continuar a representar depois daquela peça, ia retirar-se, queria passar o resto da vida na sua casa de campo, a fumar e a ler romances policiais. Já ganhara o bastante para comprar cigarros e romances policiais, acrescentara com ironia.

Kate olhara em volta com estranheza, como se tentasse recordar onde estava. A pequena cozinha, a janela sem cortinas de onde se viam as árvores do parque, a mesa com uma toalha de quadrados, um cesto de vime com laranjas e peras e um pão da véspera mal coberto por um guardanapo branco. Olhou para o

relógio na parede e teve um sobressalto. Passavam alguns minutos das sete horas. Tinha pouco tempo.

Lavou o rosto com água fria. Felizmente lavara o cabelo naquela manhã e estava brilhante, um pouco ondulado. Limitou-se a penteá-lo com os dedos. Estava mais comprido do que costumava usar.

Passou um batom nos lábios secos. O seu batom cor de cereja. Deitou perfume no pescoço, um *Summer* de Calvin Klein, de dois anos antes, que cheirava a laranja.

Abriu o armário onde havia sobretudo jeans, camiseiros brancos e T-shirts. Casacos castanhos e azul-escuros. Alguns vestidos. O vestido vermelho, aberto à frente. Tinha dois ou três anos, mas era um dos seus preferidos. Vestiu-o e levou algum tempo a fechar os pequenos botões. Umas sandálias pretas de salto alto.

Tinha no pescoço o seu colarzinho de prata com o nó celta. Procurou na gaveta a pulseira de prata. Eram as únicas jóias que possuía. As mãos estavam secas e mal tratadas, as unhas precisavam de ser polidas, mas não havia nada a fazer.

Vestiu uma gabardina leve, cinzenta, e pegou na bolsa preta, velha mas de boa qualidade, que estava em cima de uma cadeira.

Desceu as escadas a correr. As árvores de St Stephen's Green pareciam mover-se na luz vermelha do crepúsculo. Mas não soprava a mais ténue brisa. Pensou que o mundo era sempre irreal àquela hora, depois de passar um dia a ver filmes e a ler.

Kate correu ao longo de todo o caminho. Subiu a Grafton Street e passou junto ao Trinity College. Atravessou o rio quando faltavam alguns minutos para as oito. Gastou todo o dinheiro que tinha no bilhete. Plateia, quinta fila.

Ele tinha envelhecido muito. Magro, seco, os lábios mais finos do que ela se lembrava. O cabelo que fora castanho-claro, quase louro, estava a ficar grisalho. A barba que deixara crescer envelhecia-o ainda mais. Continuava a ser um rosto difícil de tirar do pensamento. Alguma coisa no corpo de Kate reconheceu o

corpo dele, a voz rouca, voz de fumador, e sentiu que ele a tocava da mesma forma que dezasseis anos atrás, quando o vira no Duke of York's a representar uma personagem de Eugene O'Neill. O filho mais novo que gostava de nevoeiro.

Kate pensou que tinha de esboçar um plano, mas não conseguiu. Estava de volta ao velho castelo, sentia o cheiro dos lilases, e o frio da neve lá fora. Algumas palavras pareciam escritas para ele, perguntou a si mesma se o pai o teria em mente quando escrevera a peça, mas era pouco provável.

Teve uma sensação de irrealidade quando começou o intervalo. Deixou a gabardina na cadeira e levantou-se. Apetecia-lhe um cigarro.

Kate conhecia bem o teatro. Atravessou alguns corredores e saiu para o pátio interior.

Viu o homem encostado à parede com um cigarro na mão. Mas avançou como se não o tivesse visto.

— És mesmo real?

Kate olhou na direcção dele.

— Nem por sombras.

— És uma imagem criada pela minha imaginação.

— Sim.

Estavam muito próximos um do outro e ela tentou esconder a perturbação. Como dezasseis anos atrás, quando ele assinara o seu programa junto ao Duke of York's. Guardara o programa durante muito tempo. No seu quarto no Trinity College havia duas fotografias dele, recortadas de revistas, coladas na parede.

— Não me deixam fumar em nenhum sítio deste maldito teatro.

— Aqui estamos seguros...

Sorriram um para o outro, com uma certa cumplicidade.

Ficaram em silêncio durante alguns minutos, e depois ela disse:

— Eu vi todas as representações da peça.

Ele sorriu.

- O teu nome é Eve?  
— Não. É Kate.  
— Ah!  
— Mas estava aqui todas as noites, para te ver chegar... Mesmo nas noites de chuva.  
— E suponho que me vais seguir até Londres.  
— Talvez.  
— É uma boa peça.  
— Eu sei.  
— Conheci o autor há muitos anos.  
Ele não me disse, pensou Kate.  
— És actriz?  
Ela hesitou por um instante.  
— Sim.

Kate entrara em algumas peças quando estava a estudar. Não era má actriz. Mas sabia, sempre soubera, que queria escrever. No seu último ano no Trinity College publicara alguns contos. «Eu escrevia tão bem aos vinte anos.»

- Estás a trabalhar numa peça?  
— Não.  
— O que fazes?  
— Às vezes arranjo trabalho como modelo.

Fizera em tempos um anúncio de uma marca de jeans. Mas preferia trabalhar algumas horas num bar ou num pub, e passar o resto do dia sem fazer nada

- Esperas por mim no fim da peça?  
— Talvez.

Ficou a vê-lo afastar-se. E acrescentou, quase sem dar-se conta, algumas palavras em gaélico. As palavras soaram ameaçadoras, no pátio deserto.